

ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA

ACTUEUR I

(MATACTOR I)

tradução de Fernando Mora Ramos

Ni Théâtre I

(Nem Teatro I)

Lisboa 1998

Antes de abrir ele diz : Antes de
abrir ele diz: Como segue :
Antes de abrir ele diz : Como
segue : Cá está.

Cá está como ele disse cá está
previamente, imediatamente antes
de abrir.

Depois abriu.

E viu-se a sua língua. Há o
escuro e depois há a
língua.

Depois há o matactor.

Apenas depois depois.

O matactor diz: Mat-actemos o
matactuado antes que cadaverize.
Tossicando com toda a garganta
apanhada da cabeça. Saltando
tudo.

Ele língua isso.

Lingua-nos isso posto o escuro.

Sem o menor como. Nem nenhum
quê.

Apenas para matactuar. Sem
mais. Depois o silêncio.

Depois de bem silenciado, o
matactor itálica. *Matactuemos o
matactuado antes que cadaverize*,
na esperança que isso dreme.
Mas não, isso não drama mais por
isso. Tragédia. Então aí, sim, isso
drama.

Encore ele quase silêncio,
encore, um encore mais pequeno,
mas ouve-se. E a coisa falha.

De novo. Falha de novo.

Eis o drama.

O matactor então para aí : *Não
vamos parar aqui*, língua ele. Ele
lingua-nos isso italicadamente.

Depois avança, avança-nos que a
coisa avança e avança ainda
ainda e outro ainda. Sim. A coisa
avança. E ainda ainda. Mas em
direcção a quê. Para chegar onde.

Lá chegado, sem o menor como,
põe entre aspas o que aqui eis :

“Eis o que ele põe entre aspas”
sem o menor como e sem aspar o
todo.

Proscenizado no proscénio da
cena ele cenariza : “*Onde?*”
Desesperadamente desesperado
ele mete-nos aspas e itálica-nos,
na esperança de se
desdesesperar se alguém lhe
linguasse uma resposta. Mas não.
Nenhuma resposta.

Nas trevas ninguém lhe língua o
que quer que seja uma vez posto
o escuro. O escuro o silêncio.

Desdesdesesperado parêntesis : (Onde?), parentesado exactamente aí, entre (e), dito onde essa vez só para dizer onde para si mesmo só essa vez. Sem que por isso isso acabasse, ou avançasse, ou parasse, lingua, ou barulhásse ou o que quer que fosse dessa vez, uma vez o escuro em face. Uma vez o escuro posto e em face que o silêncio.

Animal de cena que é, uma vez o escuro posto em face, desmunido de tudo tudo, ou outro

outro, ou todo outro todo outro, talmente animal que é, em cena, certo da cena, ele fá-la. Sem o menor quê nem o menor como. E sem aspar de todo. Ele dois-ponta : Sem nenhuma outra coisa mais que a sua língua ele laringe : depois barulha : depois murmura : depois balança : depois conversa :
- Fala.
Para finalmente travessoar.

.....
Depois fecha. E esquecemo-nos.

A seguir a coisa recomeça.

.....

Depois fecha. E esquecemo-nos.